ANARQUISMO E JORNALISMO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?[*]

William Lopes de Andrades[**]

Resumo: Este trabalho de conclusão de curso visa pesquisar se existem fundamentos da filosofia anarquista no trabalho do jornal The Intercept Brasil. Explicamos e detalhamos com exemplos e análises o que é o anarquismo, seus pilares, principais pensadores e vertentes, ao mesmo tempo em que analisamos elementos de matérias selecionadas do The Intercept Brasil e os correlacionamos com a filosofia anarquista. Buscamos o maior esclarecimento teórico dessas áreas para pesquisas futuras no meio acadêmico. Para isso nos valemos de autores anarquistas como Bakunin, Proudhon, Woodcock e Chomsky, e autores do meio discursivo como Eni P. Orlandi e Walter Benjamin. Concluímos que existem aspectos de matérias do The Intercept que se relacionam com políticas anarquistas, de forma intencional ou não, e existem outros aspectos que são discordantes.

Palavras-chave: Anarquismo. Jornalismo. The Intercept Brasil.

1 Introdução

> Tudo o que, segundo a lei existente, nos é permitido fazer é protestar nos grandes jornais eleitorais através do conteúdo comunicativo de nossos comunicados. (PROUDHON, 1977, pg. 123)

Os jornais brasileiros têm deixado cada vez mais claro quais são seus ideais e alinhamentos políticos, mas poucos realizam o trabalho que o The Intercept, jornal americano com sede no Brasil, vem realizando desde 2016 no país. Durante estes quatro anos, o jornal tem demostrado meios de se fazer jornalismo que são muito alinhados a políticas libertárias e de esquerda. Nesse sentido, percebe-se, a princípio, que se aproxima do anarquismo, e este trabalho científico pretende verificar se existe de fato traços elementares da filosofia anarquista no trabalho realizado pelo The Intercept no Brasil.

Ao tomar contato, através de leituras, pela política anarquista, ela despertou curiosidade em pesquisar sobre como a profissão escolhida por este pesquisador, o jornalismo, se daria em uma sociedade anarquista. Para além de conjecturas, existem poucos exemplos no mundo de sociedades anarquistas que não foram dominadas por países imperialistas, e menos exemplos ainda de jornais anarquistas que se mantiveram em atividade por mais de dez anos.

---

[*] Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela professora Andréia Da Silva Daltoé.

[**] Autor do Artigo. E-mail: williamlopesandrades@gmail.com.

As principais leituras de livros da filosofia anarquista para este projeto foram: *A Propriedade é um Roubo* (1977) de Pierre-Joseph Proudhon; *Deus e o Estado* (1882) de Mikhail Bakunin; *Notas Sobre o Anarquismo* (1994) de Noam Chomsky. Sobre manipulação midiática e interpretação de ideologias em discursos, os livros: *MÍDIA: Propaganda Política e Manipulação* (2015) de Noam Chomsky e *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos* (2001) de Eni Orlandi. Por fim, sobre teorias fundamentais da comunicação e da linguagem: *Linguagem, Tradução, Literatura: Filosofia, Teoria e Crítica* (2018) de Walter Benjamin.

As matérias do The Intercept analisadas serão: *Como e Por Que o Intercept Está Publicando Chats Privados Sobre a Lava Jato e Sergio Moro*, publicada em 2019; *Procuradores da Lava Jato Tramaram em Segredo Para Impedir Entrevista de Lula Antes Das Eleições Por Medo de Que Ajudasse a 'eleger o Haddad'*, publicada em 2019; *Antes de Serem Alvos de Vazamentos, Deltan e Lava Jato Celebravam Direito de Jornalistas Publicarem Informações Vazadas Ilegalmente*, publicada em 2019 e *Elogiar Ditadores é a Melhor Maneira de a Esquerda Continuar Perdendo*, publicada em 2020.

Com este projeto, pretende-se fortalecer o estudo deste pesquisador nessas duas áreas de seu interesse, o jornalismo e a política, e ainda com a chance de produzir um material acadêmico relevante para um tema pouco explorado. Muito se conhece sobre a profissão de jornalista, seus elementos fundamentais, princípios éticos e questões práticas da profissão, porém pouco se conhece sobre o anarquismo, principalmente no Brasil.

No ramo acadêmico, existe pouquíssimo material correlacionando diretamente os dois temas. Existem diversos artigos sobre jornalismo e seus princípios e diversos sobre anarquismo e suas políticas, mas poucos fazendo essa relação. Este artigo não visa conjecturar sobre como seria um jornal anarquista, mas sim descobrir se um jornal em atuação no Brasil que apresenta indícios de ter filosofias libertárias e anarquistas realmente as tem. Esses indícios podem se apresentar de diversas maneiras, como aponta o Walter Benjamin, ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo alemão, em seu livro *Linguagem, Tradução, Literatura: Filosofia, Teoria e Crítica* (2018):

> Leroy não se cansa de sublinhar o caráter problemático de uma comparação de meros costumes, modos de representação, rituais, com os que lhes correspondem nos povos mais civilizados; e insiste que é preciso investigar as condições particulares das formas da economia, do meio ambiente, da situação social, em cujo contexto muita coisa, que à primeira vista parece opor-se a um comportamento racional, mostra corresponder a fins específicos. (BENJAMIN, 2018, pg. 63).

Para o autor, os discursos vão muito além daquilo que está literalmente escrito; encontram-se também nos fatores externos que determinam o escrito, fatores sociopolíticos, por exemplo. Para analisar se existem, voluntaria ou involuntariamente, fundamentos da teoria anarquista nas matérias do The Intercept, é preciso analisar além do texto. Esta pesquisa não analisará apenas matérias específicas do jornal, mas contextualizará as situações sociopolíticas em que elas foram escritas, visando alcançar melhores resultados.

O desenvolvimento desta pesquisa é dividido da seguinte forma: no tópico *Democracia: questionando o sistema democrático brasileiro*, contextualizaremos a situação política do Brasil no período em que as matérias analisadas do The Intercept foram escritas, já apresentando conceitos de democracia e mídia elaborados por Chomsky. No tópico seguinte, *Anarquismo: o que precisamos saber*, explicaremos como surgiu a filosofia anarquista, quais são seus principais teóricos e fundamentos, além de a correlacionarmos tanto com os conceitos apresentados de mídia quanto com os de democracia. No tópico final do desenvolvimento, *The Intercept Brasil*, analisaremos as matérias selecionadas do jornal com base nos conceitos previamente apresentados, além do caso de demissão de seu ex-editor-chefe, Gleen Greenwald.

2 Democracia: questionando o sistema democrático brasileiro

Para conhecermos o que é necessário conhecer sobre o anarquismo para este projeto, primeiro precisamos discutir um pouco a política de nosso país. Oficialmente, o Brasil é uma república federativa constitucional presidencialista desde 1889. O Estado brasileiro está organizado em três Poderes: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. O Chefe do Poder Executivo (que acumula as funções de chefe de Estado e chefe de Governo) é o Presidente da República, atualmente Jair Messias Bolsonaro, eleito pelo Partido Social Liberal em 2018. A escolha deste presidente segue o modelo político democrático, do qual todos os cidadãos participam igualmente, através de uma votação em urna eletrônica, da decisão de quais políticos irão representar o povo nas propostas, no desenvolvimento e na criação de leis etc.

Esta participação popular de todos os cidadãos como iguais na escolha de seus representantes na política é o sufrágio universal como ele foi idealizado em meados do século XVIII e ganhando popularidade no XIX. Porém naquela época quando frases como “igualdade

para todos os homens" eram ditas por quem quer que fosse, a pessoa por trás deste discurso normalmente se referia apenas aos homens de fato. Os direitos das mulheres e sua igualdade no conceito do sufrágio universal e da democracia, o direito ao voto em si, foram sendo conquistados no fim do século XIX e começo do XX.

Segundo Noam Chomsky, linguista, filósofo, sociólogo, e ativista político norte-americano autodeclarado anarquista, existem duas formas de democracia, como ele descreve no livro *MÍDIA: Propaganda Política e Manipulação* (2015). A primeira: "uma sociedade democrática é aquela em que o povo dispõe de condições de participar de maneira significativa na condução de seus assuntos pessoais e na qual os canais de informação são acessíveis e livres." (CHOMSKY, 2015, pg. 9). E a segunda: "aquela que considera que o povo deve ser impedido de conduzir seus assuntos pessoais e os canais de informação devem ser estreita e rigidamente controlados." (CHOMSKY, 2015, pg. 10).

A primeira forma de democracia apresentada pelo filósofo pode pôr em questão o sistema democrático brasileiro com uma simples consulta à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), que, em 2019, divulgou que, segundo as regras do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 6,6% da população brasileira não sabe ler e escrever.

Analisando melhor esses dados, descobre-se que a diferença entre os analfabetos brasileiros não está só na idade (com o número sendo menor sendo entre os jovens), mas na etnia principalmente. Entre brancos, a taxa de analfabetismo é 3,6% na faixa etária de 15 anos. Já entre a população negra e parda, segundo os critérios do IBGE, a taxa é 8,9%. Mas como isso afeta a democracia? Mesmo com esta desigualdade no país, existe uma democracia eleitoral sendo exercida, porém os anarquistas têm fortes críticas a fazer quanto a este sistema democrático ser imposto em pessoas que não necessariamente concordam com ele. É um sistema da maioria, e não necessariamente de todos.

Em *A Propriedade é um Roubo* (1977), livro publicado oficialmente em 1977 mesmo tendo sido escrito em meados do século XVIII, o autor anarquista Pierre-Joseph Proudhon refuta a defesa do filósofo Jean-Jacques Rousseau[1] quanto ao sufrágio universal, dizendo que:

[1] Importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata genebrino. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo.

> Rousseau explica textualmente que, num governo verdadeiramente democrático e livre, o cidadão, ao obedecer à lei, não obedece senão à sua própria vontade. Ora, a lei foi feita sem minha participação, apesar de meu absoluto desacordo, apesar do prejuízo que ela me fez aguentar. O Estado não negocia nada comigo; não permuta nada, ele me saqueia. Onde portanto está o vínculo, vínculo de consciência, vínculo de razão, vínculo de paixão ou de interesse que me obriga? (PROUDHON, 1977, pg. 84).

O argumento de Proudhon é que o erro da democracia encontra-se no estado não representar o senso-comum, mas sim uma parcela (a maioria) do senso-comum, e que aqueles que não concordam com o que está sendo feito acabam por encontrarem-se em uma situação não diferente a de uma ditadura, pois vivem debaixo de uma ordem estatal que não escolheram. O que o autor está contrariando não é a igualdade de direitos, mas sim o sistema de democracia que, segundo ele, se mostra contrário a esta igualdade.

Proudhon é considerado por muitos o "pai do anarquismo" por ter sido o primeiro a se declarar anarquista. Foi um político e econômico francês, símbolo importante do cenário político que se formava na França após a Revolução Francesa, escreveu o livro *O Que é a Propriedade?* (1840), um dos mais influentes escritos anarquistas, no qual, o autor responde a sua própria pergunta com: "É o roubo!" (PROUDHON, 1840, pg. 11), posicionamento contra o acúmulo massivo de monopólio exercido pela burguesia da época. A frase se tornou o principal lema da filosofia anarquista.

É preciso evitar um anacronismo nessa fala. Ao atacar a propriedade, Proudhon não está atacando o nosso atual conceito de propriedade, que seria um celular ou um carro. Tanto os anarquistas quanto os comunistas concordam que a propriedade pequena, a propriedade útil do dia a dia, não é a questão (apesar do modo como ela é fabricada ser). O que Proudhon ataca é o acúmulo em massa de propriedade da classe burguesa da França em meados do século XVIII, algo que colocado no dia de hoje seria o equivalente ao acúmulo de capital feito por bilionários.

Retomando o primeiro conceito de um estado democrático segundo Chomsky, esse estado consiste em um povo que tem condições de participar de maneira significativa na condução do sistema político de seu país, através do voto tendo o poder de escolher as pessoas que criarão leis, construirão infraestruturas, apresentarão projetos para a sociedade etc. (CHOMSKY, 2015, pg. 9). Essas condições assumem-se que seria uma infraestrutura cívica e igualitária para que cada cidadão tenha as mesmas oportunidades de vida para decidir o que quer para si politicamente. Com o grau altíssimo de desigualdade e analfabetismo do povo

brasileiro não, é absurdo afirmar que Chomsky nos descartaria como um exemplo do primeiro modelo de democracia que ele apresentou. Portanto nos resta saber se estamos no segundo modelo...

3 Anarquismo: o que precisamos saber

Segundo George Woodcock em seu livro *Os Grandes Escritos Anarquistas* (1977), “anarquia significa estar ou viver sem governo” (WOODCOCK, 1977, pg. 13). O anarquismo é uma ideologia política que luta pelo fim de toda forma de opressão. Diferente do entendimento popular da palavra (como “caos” ou “terrorismo”), o anarquismo não discursa pela desordem, muito pelo contrário, defende a criação de uma sociedade altamente organizada e humanitária. Woodcock (e muitos outros teóricos do movimento) defende que aquele que se diz anarquista não é um cético ou um vândalo, como a mídia inseriu no imaginário popular, mas sim um sujeito com ideias progressistas e revolucionárias (WOODCOCK, 1977, pg. 13).

A palavra “anarquismo” deriva do grego "anarkhos": "an-" é sufixo de "sem", e "arkhos" significa "chefe" ou "governante”. Não se sabe exatamente onde surgiu o anarquismo, mas sim que ele deriva de filosofias libertárias da Grécia/China antiga e seitas cristãs heréticas da Idade Média, mas só ganhou popularidade no século XVIII com Proudhon. Até hoje a filosofia anarquista tem apresentado semelhanças com pensamentos do filósofo grego Heráclito, que postulava a existência do homem como uma forma em constante mudança.

No livro *Os Pensadores: Pré-Sócrates* (1996), compilado de textos de filósofos pré-socráticos, com seleção e supervisão de José Cavalcante de Souza, é dito que “Mas em Heráclito a noção de fluxo universal torna-se um mote insistentemente glosado: ‘Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti’.” (SOUZA, 1996, pg. 32). Tal indeterminação pode ser uma forma de entender a maneira como o anarquismo nunca foi um livro de regras em si, mas uma visão de como refletir e entender cada problema de cada sociedade, conforme sua época e lugar.

Mikhail Bakunin foi um dos pilares do anarquismo em sua ascensão popular no século XVIII e XIX junto com Proudhon. Russo, foi um teórico político, sociólogo, filósofo e revolucionário anarquista. Neste trecho abaixo de seu livro *Deus e o Estado* (1883), Bakunin elaborou sobre a constante espontaneidade implícita no meio social anarquista. A grosso modo, anarquistas dificilmente estabeleceram regras ou dogmas inflexíveis, pois aceitam a constante

mudança social e a contextualização necessária para se agir corretamente de forma progressista em cada situação, como por exemplo:

> Suponde uma academia de sábios, composta pelos representantes mais ilustres da ciência; imaginai que esta academia seja encarregada da legislação, da organização da sociedade, e que, inspirando-se apenas no amor da mais pura verdade, ela só dite leis absolutamente conforme às mais recentes descobertas da ciência. Pois bem, afirmo que esta legislação e esta organização serão uma monstruosidade, por duas razões: a primeira, é que a ciência humana é sempre necessariamente imperfeita, e que, comparando o que ela descobriu com o que ainda lhe resta a descobrir, pode-se dizer que está ainda em seu berço. (BAKUNIN, 1882, pg. 61).

Os textos de Bakunin e Proudhon nortearam a filosofia anarquista em seu começo. Apesar de Proudhon ter começado oficialmente no campo acadêmico e popular a filosofia, enquanto um ativismo coletivo que busca mudanças na sociedade de forma gradativa, o anarquismo só se solidificou no século XIX e XX, chegando a protagonizar tanto revoltas populares na Espanha e Ucrânia, quanto a ganhar destaque no meio artístico, com livros de autores como Percy Bysshe Shelley e Liev Tolstói contendo inspirações explícitas da filosofia anarquista em seus discursos.

Existe implicitamente muitos conceitos primitivistas, herdados principalmente de Rousseau, no anarquismo, que em um primeiro olhar simplista entrariam em conflito com a sociedade altamente tecnológica em que vivemos.

Há de se analisar dois pontos aí, o primeiro sendo anterior e o segundo posterior a Charles Darwin[2], já que antes de *A Origem das Espécies* (1859) a ideia de semelhanças comportamentais/fisiológicas dos seres-humanos com animais era repulsiva por grande parte da sociedade, mas, após a obra de Darwin, passou-se a ser aceito em meios acadêmicos e intelectuais que o ser-humano, tal qual os animais, conseguiram progredir e sobreviver através de instintos cooperativos, e não competitivos. Chomsky faz uma correlação entre meios de organizações cooperativas e o constante avanço de implementação de ferramentas tecnológicas nos meios de trabalho, ao dizer:

> [...] penso que a industrialização e o avanço da tecnologia aumentam as possibilidades para a autogestão em grande escala, o que simplesmente não existia num período

[2] Naturalista, geólogo e biólogo britânico, célebre por seus avanços sobre evolução nas ciências biológicas.

> anterior. E, de fato, esse é precisamente o modo racional para uma sociedade industrial avançada e complexa, na qual os trabalhadores possam, muito bem, tornar-se senhores de seus próprios e imediatos interesses. Isto é, colocar-se na direção e no controle da indústria, mas também estar em posição de tomar decisões mais substantivas, no que diz respeito à estrutura econômica, às instituições sociais, ao planejamento regional e mais ainda. (CHOMSKY, 1994, pg. 39).

Esse esclarecimento pós-Darwin, de que o ser-humano tem instintos cooperativos, ajudou a fortalecer a filosofia anarquista popularmente, com a filosofia se espalhando através de diversos seguidores de diversas áreas, como os filósofos Mikhail Bakunin e Emma Goldman; os escritores Liev Tolstói, George Orwell e Oscar Wilde; o ativista social Errico Malatesta; o geógrafo Piotr Kropotkin; o poeta Herbert Read; o linguista Noam Chomsky e o jornalista William Godwin.

A filosofia anarquista foi tomando diversas posturas e se adaptando a cada situação e contexto em que era inserida, estudada e posta em atividade, mas desde o seu princípio foi defendida a ideia de que todo anarquista luta pelo fim do Estado, assim como de qualquer forma de governo que exerça meios opressores. Todavia, embora seja contra o Estado, o anarquismo não é contra a sociedade. Em *Notas Sobre o Anarquismo* (1994), compilado de entrevistas e artigos de Noam Chomsky sobre o movimento, o autor explica a visão de sociedade altamente organizada dos anarquistas:

> Eles podem muito bem dizer que não haveria policiais, mas não acredito que diriam que não haveria um código de trânsito. De fato, devo dizer, para começar, que o termo anarquismo é usado para se referir a uma ampla gama de ideias políticas. No entanto, eu prefiro pensá-lo como parte da esquerda libertária; deste ponto de vista, o anarquismo pode ser concebido como um tipo de socialismo voluntário que faz parte — como o socialista libertário, o anarcossindicalista ou o anarcocomunista — da tradição de Bakunin, Kropotkin e outros. Esses anarquistas tinham em mente uma forma de sociedade altamente organizada; no entanto, uma sociedade organizada com base nas unidades orgânicas, nas comunidades orgânicas. (CHOMSKY, 1994, pg. 35).

O anarquismo discursa pela ideia de uma sociedade sem pirâmide social, pirâmide esta que divide classes e serve de fundação para todos os Estados ditos democráticos ao redor do mundo. “Sim, toda a história intelectual e moral, política e social da humanidade é um reflexo de sua história econômica.” (BAKUNIN, 1882, pg. 38). O Estado força no indivíduo uma falsa liberdade através de meios coercitivos como a mídia (manipulação) e a polícia (força bruta). Em *MÍDIA: Propaganda Política e Manipulação* (2015), Chomsky elabora diversos exemplos de como a propaganda governamental dos Estados Unidos tornou possível a alienação

do povo quanto ao seu país provocar um sem fim de guerras e ações imperialistas ao redor do mundo, como por exemplo, o slogan "Você apoia as nossas tropas?", usado pelo governo Bush para que os americanos apoiassem a Guerra do Golfo.

> Esse é o objetivo principal de uma bem-feita: criar um slogan do qual ninguém vai discordar e todos vão apoiar. Ninguém sabe o que ele significa porque ele não significa nada. Sua importância decisiva é que ele desvia a atenção de uma questão que, esta sim, significa algo: 'você apoia nossa política?' sobre ela ninguém quer saber sua opinião. (CHOMSKY, 2015, pg. 26).

Existe toda uma cadeia institucional para sustentar esse controle, desde empresários e políticos até policiais e juízes. Em uma sociedade anarquista altamente organizada, pensada a partir de sua própria comunidade/região, seu contexto e ambiente, as transações estariam livres e voluntárias e cada pessoa colheria todos os frutos de todo trabalho que produzisse. Isso é no que a maioria dos anarquistas acreditam.

4 The Intercept Brasil

No site do The Intercept Brasil, seção de "sobre", está escrito:

> O The Intercept Brasil é uma premiada agência de notícias dedicada à responsabilização dos poderosos por meio de um jornalismo destemido e combativo. Suas investigações aprofundadas e suas análises implacáveis se concentram em política, corrupção, meio ambiente, segurança pública, tecnologia, mídia e muito mais. O The Intercept dá aos seus jornalistas a liberdade editorial e o suporte legal de que precisam para expor a corrupção e a injustiça onde quer que as encontrem. (DEMORI e REED, 2020, online).

No que diz respeito aos princípios propostos por este editorial, difícil imaginar um anarquista discordando da maneira como o jornal diz fazer seu jornalismo. Peguemos um exemplo dado por Fernando Figueiredo Strongren,[3] em sua pesquisa *Imprimindo a Anarquia: O Jornalismo Anarquista no Brasil Nas Primeiras Décadas do Século XX* (2017):

> O jornalismo é uma prática social que emerge sob influência das estruturas da sociedade na qual ele está inserido. Porém, essa compreensão de sociedade não se limita ao conjunto total de um país, povo ou cultura, a sociedade, no caso do

[3] Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG-FAC), da Universidade de Brasília (UnB)

> jornalismo, também pode ser formada por pequenos grupos de afinidade e com objetivos específicos dentro de uma ou mais sociedades. Este é o caso do jornalismo anarquista, que surge quando os militantes anarquistas fundam seus jornais com o objetivo de propagar seus ideais visando formar no proletariado "o espírito de associação e de resistência, e suscitar cada vez maiores reivindicações; combater continuamente todos os partidos burgueses e todos os partidos autoritários [...]" (STRONGREN, 2017, pg. 41).

A principal diferença no princípio apresentado pelo The Intercept, para os jornais anarquistas exemplificados por Strongren, é que o The Intercept tem intenção de denunciar quem abusa dos poderes que uma democracia capitalista possibilita, ao dizer "responsabilização dos poderosos" (DEMORI e REED, 2020, online). Já os jornais anarquistas quando dizem "combater continuamente todos os partidos burgueses e todos os partidos autoritários" (STRONGREN, 2017, pg. 41) estão fazendo uma crítica ao sistema socioeconômico em si, que possibilita a existência de uma grande desigualdade social.

Os jornais que Strongren analisou em sua pesquisa se autoproclamavam anarquistas e eram constituídos por pessoas que, se não se identificavam como anarquistas, eram alinhadas politicamente o suficiente com a filosofia para trabalhar nos jornais. O que possibilita encontrar elementos da filosofia anarquista nas matérias do The Intercept, um jornal que não se autoproclama anarquista, é o conteúdo ideológico implícito que todo discurso tem. Eni Orlandi[4] no livro *Análise De Discurso: Princípios & Procedimentos* (2001), diz:

> [...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um completo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2001, pg. 19).

Portanto, não se trata apenas de jornalismo, mas de toda uma rede de discursos ideológicos, criados a partir de um contexto de tempo e lugar muito específico. A maneira como esses discursos se traduzem na forma de matérias do The Intercept é apenas a ponta desta rede de discursos, e por isso analisaremos também fatores exteriores, correlacionados com estas matérias analisadas, para alcançar melhores resultados.

---

[4] Linguista e professora universitária brasileira. Foi pioneira, no final dos anos 70, da análise do discurso no Brasil.

4.1 Meios jornalísticos inconvencionais

Mais de uma vez em suas matérias, o The Intercept defendeu o uso de meios jornalistícos inconvencionais para, segundo eles, ajudar a proteger a democracia brasileira. No meio de 2019, o jornal, comandado principalmente pelo jornalista, escritor e advogado Glenn Greenwald, começou uma série de matérias investigativas que divulgaram para o público conversas privadas entre membros da Operação Lava-Jato[5] e o juiz Sergio Moro[6], revelando supostamente um complô entre os investigadores e o juiz. Segundo o primeiro editorial divulgado dando início à série, as conversas foram obtidas por uma fonte anônima, que, por sua vez, não reveleu a forma como obteve as conversas, mas voluntariamente encaminhou os arquivos para o jornal.

> O único papel do The Intercept Brasil na obtenção desse material foi seu recebimento por meio de nossa fonte, que nos contatou há diversas semanas (bem antes da notícia da invasão do celular do ministro Moro, divulgada nesta semana, na qual o ministro afirmou que não houve "captação de conteúdo") e nos informou de que já havia obtido todas as informações e estava ansiosa para repassá-las a jornalistas. (GREENWALD; REED; DEMORI, 2019, online).

Houve uma certa preocupação por parte do The Intercept em esclarecer o método com que essas informações foram divulgadas e a postura adotada pelo jornal para selecionar o que das conversas privadas seria repassado ao público. Essa preocupação veio muito por causa de um caso similar que ocorreu em 2016, quando o então juiz Sérgio Moro divulgou trechos de grampos feitos pela polícia federal em conversas privadas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores.

Neste primeiro editorial da série investigativa do The Intercept, publicado em 9 de junho de 2019 e intitulado Como e Por Que o Intercept Está Publicando Chats Privados Sobre

---

[5] Investigações em andamento pela Polícia Federal do Brasil. Cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, de prisão temporária, de prisão preventiva e de condução coercitiva, visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou bilhões de reais em propina.

[6] Jurista, ex-magistrado e professor universitário. Foi juiz federal, professor de direito processual penal na Universidade Federal do Paraná e Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil. Atualmente é advogado.

A Lava Jato e Sergio Moro, escrito pelo ex-editor-chefe Glenn Greenwald, pela editora-chefe Betsy Reed e pelo editor-executivo Leandro Demori, foi escrito o seguinte:

> O princípio invocado para justificar essa divulgação foi o mesmo a que estamos aderindo em nossas reportagens sobre esse acervo: o de que uma democracia é mais saudável quando ações de relevância levadas a cabo em segredo por figuras políticas poderosas são reveladas ao público. (GREENWALD; REED; DEMORI, 2019, online).

No trecho acima em que citam "essa divulgação", os editores estão se referindo ao caso do grampo telefônico envolvendo o ex-presidente Lula. Nessas conversas reveladas, é discutido entre Lula e a ex-presidente do Brasil, também pelo PT, Dilma Rousseff, a assinatura de certos documentos, que Moro alegou serem papéis que possibilitariam de alguma forma que Lula se blindasse da investigação da polícia federal através de uma manobra política. Uma matéria sobre o caso foi feita pelos jornalistas Fernando Castro, Samuel Nunes e Vladimir Netto, em 16 de março de 2016 para o G1. Na matéria o ex-presidente, em conversa vazada com Wellington Dias (Governador do Piauí pelo PT), negou as acusações: "Veja, eu jamais direi ao governo para me proteger." (CASTRO; NUNES; NETTO, 2016, online). Os jornalistas esclareceram o que pode ser uma possível verdade sobre o que ocorreu:

> O Advogado Geral da União, José Eduardo Cardozo, disse que o diálogo de Dilma, ao contrário da interpretação da oposição, não estava dando a Lula um documento para ele se livrar de possível ação policial. Segundo o ministro, a presidente estava enviando a Lula o documento chamado termo de posse, para ele assinar. Isso porque Lula, de acordo com Cardozo, estava com problemas para comparecer à cerimônia de posse marcada para quinta-feira (17). (CASTRO; NUNES; NETTO, 2016, online).

O ponto do The Intercept era que não havia necessidade de divulgação das conversas privadas, porque elas não traziam informações de interesse público, apenas discussões políticas, e as conversas já estavam nas mãos dos investigadores. A intenção de Moro, aponta o jornal, foi usar do poder que ele tinha em mãos para divulgar essas conversas como uma forma de enfraquecer e humilhar publicamente o ex-presidente: "Levou muitas pessoas a argumentarem que a divulgação tinha o propósito de constranger pessoalmente o ex-presidente" (GREENWALD; REED; DEMORI, 2019, online).

O The Intercept aponta que houve essa tentativa de constranger o ex-presidente, mas não aponta exatamente quem foram essas "muitas pessoas" (GREENWALD; REED;

DEMORI, 2019, online) que concordaram com o que o jornal está afirmando. É possível interpretar que existe um posicionamento em defesa de Lula, um posicionamento partidário. Porém, para Orlandi (2001, pg. 19), é indiferente perguntar se há um posicionamento, o correto seria perguntar qual é este posicionamento. Para a analista de discurso, em todo discurso existe um sujeito, e em todo sujeito existe uma ideologia. A autora cita Michel Pêcheux[7] para fortalecer sua explicação de porque em todo discurso existe ideologia:

> Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2001, pg. 19).

Portanto, é possível deduzir intenções partidárias nas matérias do The Intercept sem que o texto das matérias em si deixe explícito essas intenções. Segundo o The Intercept, as intenções da investigação giram em torno da defesa da democracia. Em princípio, existe um conflito envolvendo essa intenção democrática e uma defesa de que isso seria uma atitude alinhada com filosofias anarquistas, já que o anarquismo, como explicado anteriormente quando analisamos sua própria etimologia, busca o fim do Estado (neste caso, democrático).

Porém, a sociedade brasileira ainda é uma sociedade sócio-democrática, e, segundo Chomsky (1994, pg. 74), o uso apropriado e justo deste sistema deve ser o ideal de todo anarquista, porque a manipulação desse mesmo sistema por pessoas poderosas significaria danos colaterais graves. Para o autor:

> No mundo de hoje, creio que as metas de um anarquista comprometido devam estar voltadas à defesa de algumas instituições do Estado que estão sob ataque e, ao mesmo tempo, à busca de que elas estejam abertas a uma participação pública mais significativa — tendo por objetivo, finalmente, desmantelá-las, constituindo uma sociedade mais livre, se as circunstâncias apropriadas puderem ser alcançadas. (CHOMSKY, 1994, pg. 74).

Até mesmo Proudhon, árduo defensor do fim do Estado, votou e fez campanha eleitoral para François-Vicent Raspail[8] nas eleições de 1848, na França. Não é incomum

---

[7] Filósofo francês, fundador da Análise do Discurso.

[8] Químico, naturalista, médico, fisiologista, advogado e político socialista francês. Foi presidente da Sociedade de Direitos Humanos e acabou preso por isso.

filósofos e ativistas anarquistas participarem de eleições democráticas, seguindo o argumento de que usar da democracia também é um meio de reformá-la.

Concluímos que o The Intercept começou uma investigação que liberou para o público os próprios meios e objetos desta, com o fim de descobrir e denunciar se houve, e como houve, ilegalidades no julgamento de uma figura política importante do país (para além de outras centenas de casos da Lava Jato). O jornal evidencia, em diversos momentos do editorial em questão, que, se houve ilegalidades, foram com intenção de impedir que Lula influenciasse a corrida presidencial ou concorresse ele mesmo a presidente em 2018. Segundo Chomsky (1994, pg. 74), a defesa da democracia contra seu abuso de poder, no mundo de hoje, se mostra uma atitude alinhada com a filosofia anarquista. Portanto, ao denunciar que os procuradores da Lava Jato e o juiz Sergio Moro tramaram em segredo contra Lula, o The Intercept estão tornando mais transparente a democracia brasileira.

4.2 Mídia enquanto resistência ao controle estatal

A parte dois desta sequência de matérias investigativas, *Procuradores da Lava Jato Tramaram em Segredo Para Impedir Entrevista de Lula Antes Das Eleições Por Medo de Que Ajudasse a 'eleger o Haddad',* publicada em 2019, abre justamente evidenciando a visão do The Intercept de que os procuradores e Sérgio Moro tinham intenção de influenciar nas eleições presidenciais do Brasil de 2018.

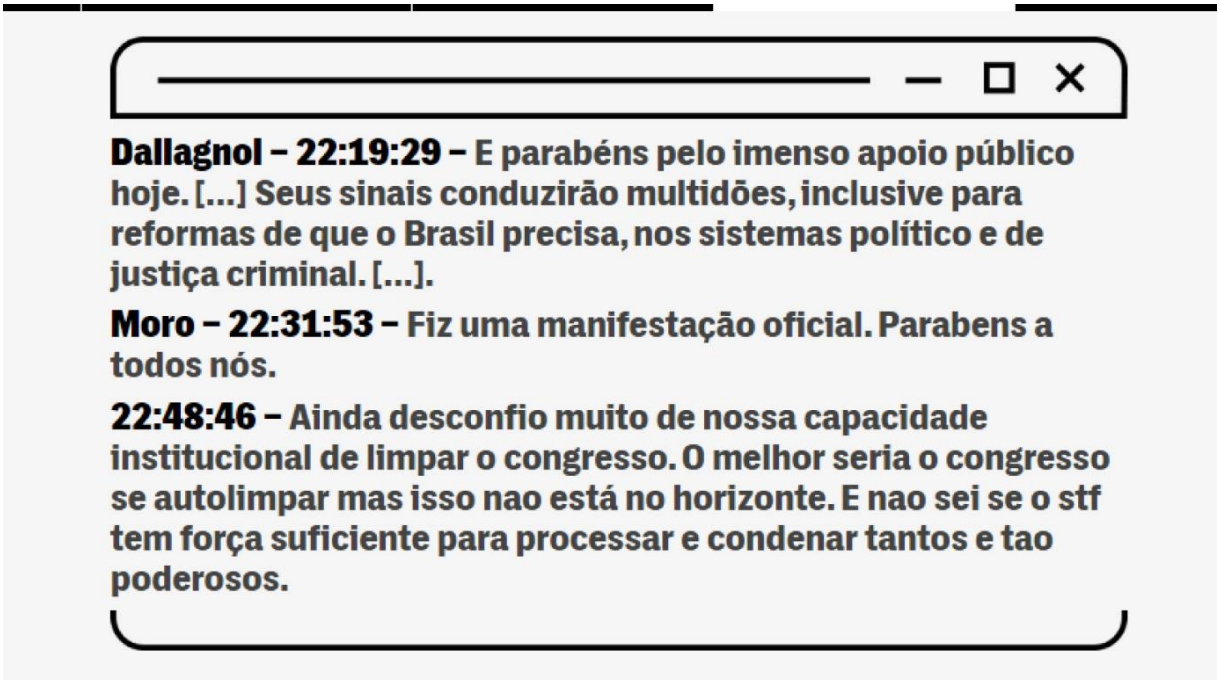
> Um extenso lote de arquivos secretos revela que os procuradores da Lava Jato, que passaram anos insistindo que são apolíticos, tramaram para impedir que o Partido dos Trabalhadores, o PT, ganhasse a eleição presidencial de 2018, bloqueando ou enfraquecendo uma entrevista pré-eleitoral com Lula com o objetivo explícito de afetar o resultado da eleição. (GREENWALD e POUGY, 2019, online).

Desta vez escrita pelo ex-editor-chefe Glenn Greenwald e pelo jornalista Victor Pougy, continuam-se analisando conversas do Telegram vazadas entre procuradores da força-tarefa em Curitiba, liderados por Deltan Dallagnol, e o juiz do caso Sérgio Moro, envolvendo o julgamento do ex-presidente Lula. Nesta segunda parte denunciam-se, o que tudo indica, serem conversas que demostram interesses políticos por trás das intenções dos procuradores da força-tarefa.

Conversas vazadas demonstram frustração por parte dos procuradores com a notícia de que o ex-presidente Lula pudesse ser entrevistado pela colunista da Folha de S.Paulo Mônica Bergamo. Lula já estava preso em Curitiba neste momento, mas a entrevista havia sido autorizada pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski. “Os diálogos demonstram que os procuradores não são atores apartidários e apolíticos, mas, sim, parecem motivados por convicções ideológicas e preocupados em evitar o retorno do PT ao poder.” (GREENWALD e POUGY, 2019, online).

Abaixo, um exemplo da forma como o jornal decidiu ilustrar os trechos das conversas que citam em suas matérias. A imagem em si é uma arte, feita por designers, adaptando o formato como o conteúdo em si chegou até eles, com o fim de manter a descrição do material original e assim proteger a fonte anônima, porém sem perder a essência do conteúdo em si.

Figura 1 - Exemplo de como o The Intercept traduziu através de imagens trechos das conversas vazadas



Fonte: The Intercept Brasil

Este editorial diz respeito justamente ao controle midiático que certas pessoas poderosas no Brasil detêm. Nas conversas vazadas, fica clara a frustração por parte dos procuradores da Lava Jato quanto à possibilidade de Lula ser entrevistado e receber atenção da

mídia, para além de possivelmente influenciar a corrida presidencial que ocorria nos meados de 2018 no Brasil, favorecendo o candidato pelo Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad: "Após uma hora, Tessler deixou explícito o que deixava os procuradores tão preocupados: 'sei lá…, mas uma coletiva antes do segundo turno pode eleger o Haddad'." (GREENWALD e POUGY, 2019, online).

O STF acabou suspendendo a entrevista com Lula. O The Intercept criticou a atitude dos procuradores, dizendo que não demonstraram preocupação "com o fato de um ministro do STF ter poder para suspender a liberdade de imprensa" (GREENWALD e POUGY, 2019, online). A demonstração do The Intercept de defender a democracia denunciando quem abusa dos poderes proporcionados por ela retoma os dois modelos de democracia apresentados por Chomsky. Abaixo ele elabora melhor o papel dos anarquistas nesta defesa estatal:

> Há um setor estatal que faz coisas terríveis, mas que também faz algumas coisas boas. Fruto de séculos de intensa luta popular, há um sistema social mínimo que dá apoio a mães pobres e crianças. Isso está sendo atacado, num esforço de diminuir o Estado. Bem, os anarquistas não conseguem entender que eles deveriam apoiar o Estado. Eles juntam-se à extrema direita dizendo, 'sim, nós temos que diminuir o Estado', ou seja, pôr mais poder nas mãos de tiranias privadas que são totalmente desprovidas de responsabilidade pública e são completamente totalitárias. (CHOMSKY, 1994, pg. 98).

Estes anarquistas que Chomsky critica seriam anarquistas que, por exemplo, não exercem o seu direito ao voto por serem contrários ao sufrágio universal. O que o autor está pontuando é que em um cenário contemporâneo, a democracia mostra-se um meio de defesa quanto ao controle privado do meio estatal e seus derivados, algo que os anarquistas estudados para esta pesquisa repudiam. Lula tinha direito a ser entrevistado, porém, segundo o The Intercept, os procuradores fariam de tudo ao seu alcance para impedir que essa entrevista influenciasse nas eleições de 2018, já que Fernando Haddad[9] estava concorrendo a presidente do Brasil pelo PT, partido com o qual Lula foi presidente e que é um dos símbolos da esquerda no Brasil.

[9] Acadêmico, advogado e político, filiado ao Partido dos Trabalhadores. Ministro da Educação de 2005 a 2012 e prefeito da cidade de São Paulo de 2013 a 2016.

Sobre esses meios de adiar a entrevista com Lula que os procuradores da Lava Jato consideraram, o The Intercept escreveu:

> Outro procurador, Athayde Ribeiro Costa, sugeriu expressamente que a Polícia Federal manobrasse para que a entrevista fosse feita depois das eleições, já que não havia indicação explícita da data em que ela deveria ocorrer. Dessa forma, seria possível evitar a entrevista sem descumprir a decisão. (GREENWALD e POUGY, 2019, online).

A entrevista com o ex-presidente foi de fato adiada após o Partido Novo[10] recorrer no STF contra a realização da entrevista, e o Ministro Luiz Fux conceder uma liminar barrando a entrevista (essa liminar foi revogada depois pelo próprio STF, mas não a tempo da entrevista ser realizada antes das eleições): "Na decisão, o ministro diz que 'se faz necessária a relativização excepcional da liberdade de imprensa'. Januário Paludo foi taxativo: 'Devemos agradecer à nossa PGR: Partido Novo!!!'. (GREENWALD e POUGY, 2019, online).

Sobre o Partido Novo, se olharmos na seção *Posicionamentos* de seu site, encontramos os itens "Estado sem estatais e sem participações em qualquer empresa" e "Parcerias, concessões e privatizações para a infraestrutura", entre outros. Realizando uma leitura superficial, é um partido que visa o enfraquecimento do controle estatal e o fortalecimento de setores privados. Este partido também influenciou nas eleições presidenciais de 2018 ao impedir que uma figura importante da oposição exercesse o seu direito de ser entrevistada. Lula tinha o direito de ser entrevistado, como The Intercept explicou ao detalhar a decisão inicial de Lewandoski:

> O ministro ressaltou que os argumentos usados para impedir a entrevista de Lula na prisão eram claramente inválidos, uma vez que com frequência entrevistas são 'concedidas por condenados por crimes de tráfico, homicídio ou criminosos internacionais, sendo este um argumento inidôneo para fundamentar o indeferimento do pedido de entrevista'. Assim, levando em conta que Lula 'não [se encontra] em estabelecimento prisional, em que pode existir eventual risco de rebelião' e tampouco 'se encontra sob o regime de incomunicabilidade', o ministro decidiu em favor da entrevista. (GREENWALD e POUGY, 2019, online).

[10] Partido político brasileiro de direita com ideais liberais economicamente, fundado em 2011.

Portanto, ao evidenciar tanto os planos dos procuradores quanto expor as intenções antidemocráticas de um partido político privatista, o The Intercept estava alinhado com o que Chomsky (1994, pg. 98) coloca como os deveres dos anarquistas atualmente, que são os de proteger o Estado e a democracia, pois o seu abuso de poder por pessoas com intenções privatistas distanciam ainda mais o mundo de hoje de uma sociedade anarquista.

4.3 Saídas à esquerda

Em janeiro de 2020, Vladmir Lenin[11] teria feito 96 anos. Talíria Petrone[12], do partido político PSOL[13], fez uma postagem em seu perfil no Twitter[14] parabenizando o líder russo. A postagem gerou controversas, já que Lenin em si é uma figura controversa, por muitos comparado a Hitler[15] e por outros tido como revolucionário. Então Tatiana Dias e Rafael Moro Martins, jornalistas do The Intercept Brasil, publicaram uma matéria, intitulada *Elogiar ditadores é a melhor maneira de a esquerda continuar perdendo*, publicada em janeiro de 2020, criticando a atitude da deputada federal e de seus apoiadores como um todo, com o pretexto de que este tipo de discurso alimentava o anticomunismo usado por Bolsonaro e seus apoiadores. Na matéria, dizem:

> Esse texto não é uma crítica a correntes teóricas específicas de esquerda. Cada um defende o que quiser e nós defendemos esse direito até o final – não podemos falar o mesmo de partidários de regimes autoritários. O que criticamos é a postura muitas vezes ingênua de parte da esquerda que, imersa em conceitos teóricos e na busca pela pureza ideológica, acaba escorregando nas cascas de banana que a direita joga no caminho. Essa foi uma delas. É importante que a esquerda seja ampla, diversa e comporte diferentes visões de mundo. Mas é importante, também, saber como tudo isso vai ser usado na guerra cultural. Especialmente em um momento em que a popularidade de Bolsonaro cresce, mesmo com todas as tragédias em seu governo, e o presidente fala abertamente que "gente de esquerda não é normal". (DIAS e MARTINS, 2020, online).

---

[11] Revolucionário comunista, político e teórico político russo que serviu como chefe de governo da Rússia Soviética de 1917 a 1924 e da União Soviética de 1922 até sua morte, em 1924.

[12] Professora, política e ativista carioca. Exerceu o mandato de vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade na Câmara Municipal de Niterói. Foi eleita deputada federal pelo mesmo partido nas eleições de 2018.

[13] Partido Social e Liberdade, fundado em 2004.

[14] Rede social e um servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento.

[15] Adolf Hitler, líder do Partido Nazista, Chanceler do Reich e Führer da Alemanha Nazista de 1934 até 1945. Foi o principal instigador da Segunda Guerra Mundial na Europa e figura central do Holocausto.

A referida matéria encontra-se em uma seção do site do The Intercept intitulada *Saídas à esquerda*, um trocadilho com a ideia de meios da posição política de esquerda se reerguer popularmente no Brasil. A descrição da seção diz “Nesta série, o Intercept apresenta entrevistas, reportagens e análises com possíveis caminhos para a esquerda brasileira.”. O jornal está explicitamente tomando um lado político ao dedicar uma seção de seu site para fazer comentários, análises, reportagens etc. sobre como a ala ideológica do país deveria agir. Isso coincide com o que Strongren diz em sua tese quanto aos jornais anarquistas no Brasil no começo do século XX, “O conteúdo publicado nos jornais anarquistas também tem uma relação direta com o posicionamento dos militantes” (STRONGREN, 2017, pg. 43).

Desde Proudhon, houve uma intenção por parte dos anarquistas de dialogar diretamente com o povo, com pessoas abertas para aquelas ideias. Proudhon, por anos, escreveu em folhetins e jornais na França, pois dizia que os livros já não aproximavam mais as ideias passados pelo autor do povo em si. Autores que lhe inspiravam não eram tão lidos quanto os jornais/boletins da época, e se ele queria dialogar com o povo, os jornais libertários eram o local ideal.

> Disseram-me todos os dias: faça livros, isto é preferível aos jornais. Eu admito isso: mas os livros não são lidos; e, enquanto o autor da Filosofia Positiva, Augusto Comte, reuniu em seus cursos apenas duzentos fiéis, o Fauborien, o Père Decehên e a Vraie République conduzem o país. Vós consumis dez anos de nossa vida a fazer vosso in-octavo, cinquenta curiosos o compram, em seguida vem o jornalista que vos joga em sua caixa, e tudo está dito. Os livros não servem mais senão ao aprendizado do jornalista: o mais alto gênero em literatura, em nosso século, é o editorial, é o folhetim. (PROUDHON, 1977, pg. 52)

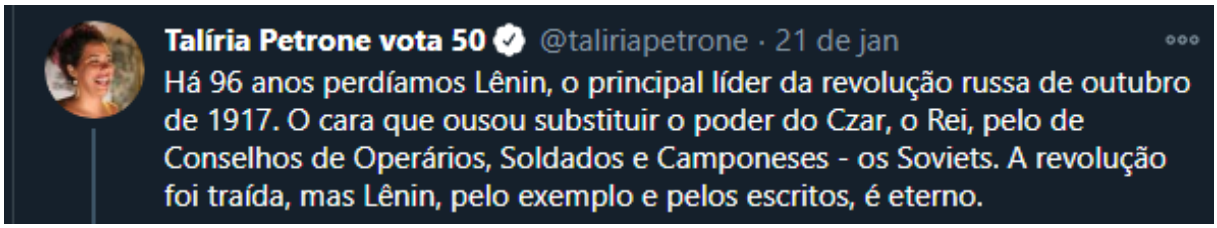
O The Intercept Brasil é atualmente no país o único jornal de seu tamanho que estabelece um diálogo tão franco politicamente com seu público-alvo, os militantes de esquerda. Antes de analisar o conteúdo da matéria sobre ditadores em si, a própria existência da matéria já serve como objeto de comparação com o que teóricos anarquistas veem como um jornal anarquista. No começo do século XX, os periódicos anarquistas eram feitos para serem distribuídos para operários, trabalhadores e pessoas a favor da igualdade. O The Intercept tem uma linguagem que busca um diálogo com pessoas que se identificam com essas causas. Chomsky traz um exemplo de como eram os jornais anarquistas no século passado:

> A voz dos trabalhadores foi articulada clara e ativamente na imprensa operária e da comunidade, que prosperou a partir da metade do século XIX até a Segunda Guerra Mundial, e até mesmo além, destruída finalmente pelo Estado e pelo poder privado. Em tempos tão recentes como os anos 1950, 800 jornais operários continuavam

> atingindo de 20 a 30 milhões de pessoas, buscando — nas suas palavras — combater a ofensiva empresarial para ‘vender aos americanos as virtudes dos grandes negócios’; expor o ódio racial e ‘todos os tipos de ações e expressões antidemocráticas’; e fornecer ‘antídotos para os piores venenos da imprensa favorecida’[...] (CHOMSKY, 1994, pg. 86).

Na matéria analisada, os jornalistas falam que, independente de pessoas acreditarem que uma revolução proletária é a forma de derrubar o “regime bolsonarista” (DIAS e MARTINS, 2020, online), o meio realista de se derrotar um governo autoritário é “formando uma coalizão” (DIAS e MARTINS, 2020, online). Com essa coalização, os jornalistas estão querendo dizer que, quando Petrone parabenizou e elogiou Lenin em sua postagem, ela estava tomando uma postura de extrema esquerda que impediria no futuro ela formar alianças políticas favoráveis às suas causas com políticos menos radicais. Na imagem abaixo podemos ver exatamente o que Petrone falou em sua publicação:

Figura 2 - Postagem de Talíria idolatrando Lenin



Fonte: William Andrades.

Não seria novidade existirem discordâncias entre políticas anarquistas e comunistas. Proudhon, Bakunin, e Chomsky foram severos críticos das filosofias comunistas em seus respectivos períodos, seja o embate que existia entre Proudhon e Karl Marx[16] ou as críticas de Chomsky quanto à Revolução Russa. As filosofias dialogam muito em seus espíritos libertários, mas quando a discussão vai além do pós-revolução, sempre existem discordâncias. Proudhon disse “Sistema comunista, governamental, ditatorial, autoritário, doutrinário, parte do princípio de que o indivíduo é essencialmente subordinado à coletividade; que somente dela

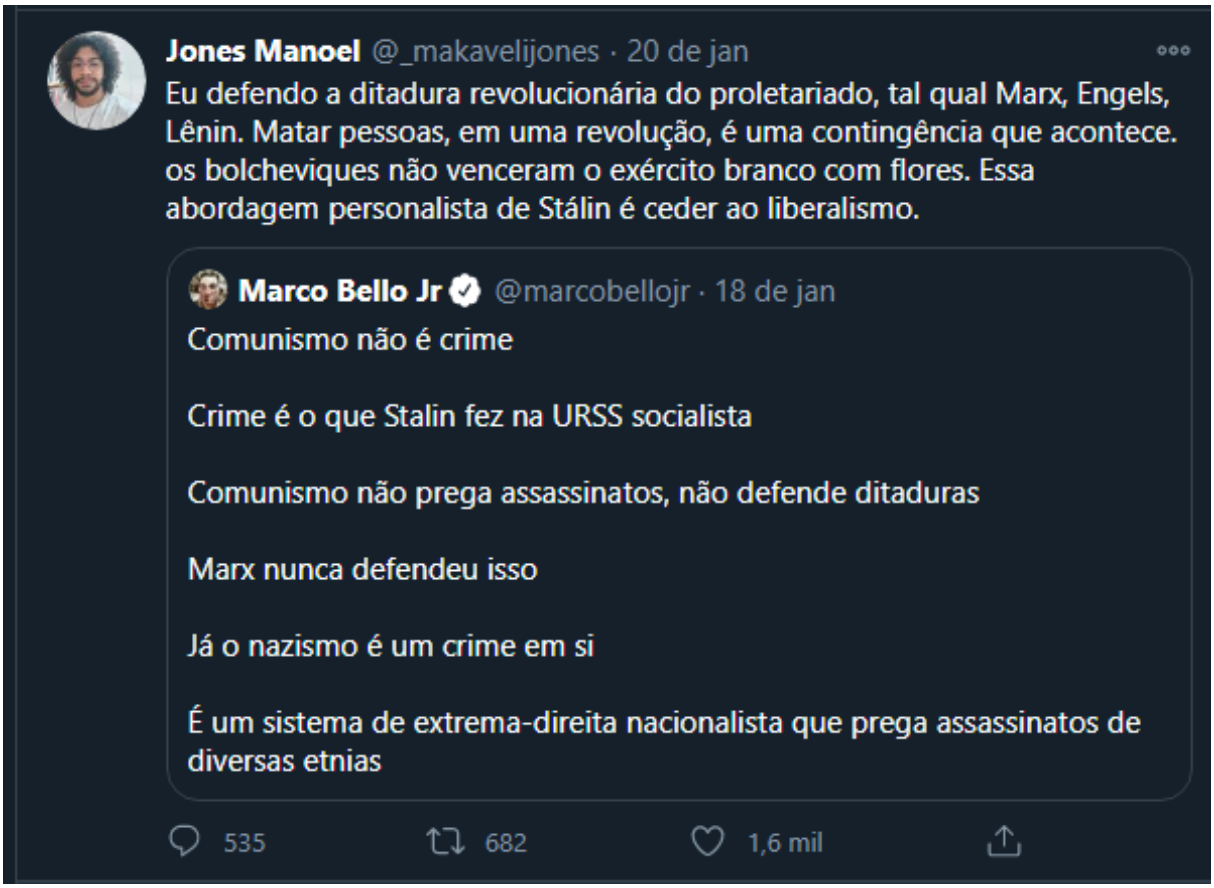
[16] Karl Marx foi um filósofo, sociólogo, historiador, economista, jornalista e revolucionário socialista. Nascido na Prússia, mais tarde se tornou apátrida e passou grande parte de sua vida em Londres, no Reino Unido. É a figura-símbolo mais famosa do comunismo.

ele obtém seu direito e sua vida; que o cidadão pertence ao Estado como a criança à família." (PROUDHON, 1977, pg. 137).

É complicado dizer com alguma exatidão qual seria uma postura anarquista (principalmente partindo de um princípio jornalístico) diante desta publicação de Petrone, pois a tese dos jornalistas, de que a deputada "se entregou de bandeja para a direita, que mais uma vez alimentou o fantasma anticomunista que acaba tragando a todos nós" (DIAS e MARTINS, 2020, online), não é passível de comprovação. Não há como calcular quantos políticos de direita se fortaleceram por conta da fala da deputada; a realidade é que, independente das desavenças políticas anarquistas, socialistas e comunistas, sempre, ao longo da história, fizeram parte do mesmo grupo, o libertário revolucionário.

O ponto realmente revelador da matéria é quando os jornalistas criticam uma postagem de Jones Manoel feita no Twitter, na qual o historiador, professor e influenciador comunista defende a ideia de que em uma revolução mortes são uma contingência. O The Intercept comparou esta postagem com o vídeo do ex-secretário da Cultura, Roberto Alvim, que continha iconografias nazistas, desde sua estética até referências a discursos de Goebbels, ministro das Comunicações de Hitler. O secretário, após o escândalo, foi afastado do cargo. Abaixo pode-se ver a postagem de Jones que o The Intercept comparou ao vídeo de Alvim:

Figura 3 - Publicação de Jones Manoel criticada pelo The Intercept



Fonte: William Andrades

Depois de explicar o ocorrido com o ex-secretário da Cultura, o The Intercept então comparou a postagem de Jones com o vídeo nazista de Alvim:

> [...] Enquanto isso acontecia, evidenciando o total despreparo e o apreço de setores do governo por regimes autoritários – algo que, sabemos, não vem de hoje e não é restrito ao nazismo –, parte da esquerda resolveu defender publicamente… outros regimes autoritários. Parece inacreditável – e é. O historiador e influenciador marxista Jones Manoel não corou em falar publicamente que matar pessoas em uma revolução "é uma contingência que acontece". Fuzilar uma família aqui, matar outros tantos milhões de fome ali, torturar e assassinar indiscriminadamente e promover o terror entre os dissidentes. Assim mesmo. É normal, efeito colateral. (DIAS e MARTINS, 2020, online).

O trecho usa de uma linguagem bem sarcástica ("parte da esquerda resolveu defender publicamente… outros regimes autoritários. Parece inacreditável – e é.") para denegrir a postagem de Manoel, e apesar da matéria não correlacionar diretamente Hitler com Lenin, o

título: *Elogiar ditadores é a melhor maneira de a esquerda continuar perdendo,* acaba por colocar matéria coloca os dois na mesma moeda. Porém, a comparação das duas figuras é um equívoco.

Hitler foi um líder do Partido Nazista, um partido de extrema-direita ultranacionalista, que se formou na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Lenin foi um ditador, pela definição da palavra um chefe de estado supremo, foi colocado ou colocou-se a si mesmo na posição de forma não democrática. Hitler tinha ideologias que até hoje ecoam pelas filosofias direitistas do mundo todo, como o arianismo[17] e o ultranacionalismo. Por outro lado, por definição, um ditador pode ser de esquerda, direita ou centro.

Os jornalistas ao colocarem os dois na mesma equação de "ditadores" estão demasiadamente simplificando uma questão que não é simples. Em *MÍDIA: Propaganda Política e Manipulação* (2015), Chomsky dedica um capítulo inteiro, chamado *Percepção Seletiva,* a falar sobre como a propaganda (a mídia em si) acaba diluindo e mascarando o conceito de ditadura. Ele cita o caso de Armando Valladares[18], poeta cubano-americano que foi prisioneiro da polícia de Fidel Castro[19] e foi liberado, escrevendo um livro sobre a experiência. Chomsky explica como a mídia reagiu ao livro de Valladares, que:

> [...] descreveu suas revelações como "o relato definitivo acerca do vasto sistema de tortura e prisão por meio do qual Castro pune e elimina a oposição política". Era "um relato inspirador e inesquecível" das "prisões degradantes", da tortura desumana, [e] o registro da violência do Estado [sob as ordens de] mais um dos genocidas deste século, o qual – graças ao livro finalmente somos informados – "criou um novo despotismo que institucionalizou a tortura como mecanismo de controle social" no "inferno que era a Cuba em que [Valladares] vivia". Estes são trechos de diversas resenhas que saíram no Washington Post e no New York Times. Castro era descrito como um "arruaceiro despótico". Suas atrocidades foram reveladas de maneira tão convincente que "somente o mais frívolo e insensível intelectual do Ocidente virá em defesa do tirano", escreveu o Washington Post. (CHOMSKY, 2015, pg. 47).

Mesmo assumindo que são completamente verdadeiros estes relatos, o ponto não é os crimes aos direitos humanos cometidos por Castro, mas como a mídia americana os usa a

---

[17] Correntes europeias do começo do século XX, de caráter nacionalista, abraçaram a tese de que eram descentes de um povo religiosamente iluminado e puro. Os nazistas associaram o conceito de identidade nacional à raça ariana do povo germânico através do princípio da unidade étnica, com a finalidade de elevar o moral e orgulho nacionais do povo alemão através de racismo e xenofobia.

[18] Poeta cubano-americano, diplomata e ativista dos direitos humanos.

[19] Revolucionário cubano, governou a República de Cuba como primeiro-ministro de 1959 a 1976 e depois como presidente de 1976 a 2008. Filosoficamente era marxista-leninista.

seu favor. Segundo Chomsky (CHOMSKY, 2015, pg. 47), para os norte-americanos, Castro tinha se tornado um mal a ser combatido sem medir esforços. No mesmo mês, Herbert Anay, um dos membros do Direitos Humanos de El Salvador, havia sido preso com seus colegas, que foram torturados na Prisão La Esperanza. Chomsky compara seu caso ao de Valladares, contando como foi o período de Anaya e dos outros membros na prisão:

> Enquanto estavam presos, eles continuaram seu trabalho em defesa dos direitos humanos. Como eram advogados, continuaram tomando depoimentos. Havia 432 pessoas presas ali. Eles tomaram depoimentos assinados de 430 delas, nos quais as pessoas descreviam, sob juramento, a tortura que haviam sofrido: choques elétricos e outras crueldades, incluindo, em um caso, tortura feita por um major americano de uniforme, a qual é descrita mais detalhadamente. Trata-se de um testemunho raro por sua clareza e abrangência, provavelmente único quanto aos detalhes do que se passa numa câmara de tortura. Conseguiram retirar às escondidas da prisão esse relatório de 160 páginas com o testemunho dos presos feito sob juramento, juntamente com um videoteipe que mostrava as pessoas testemunhando na prisão sobre sua tortura. (CHOMSKY, 2015, pg. 47).

Porém, como elabora Chomsky (CHOMSKY, 2015, pg. 47)., nada disso apareceu em nenhum jornal americano. Não foi noticiado, ninguém comentou sobre. Pouco tempo depois, quando Anaya foi assassinado "aparentemente pelas forças de segurança apoiadas pelos Estados Unidos" (CHOMSKY, 2015, pg. 48), nenhum jornal americano comentou se Anaya poderia ainda estar vivo caso tivessem noticiado sua história. Mas porque a narrativa de demonizar Castro era interessante para a mídia americana e para os Estados Unidos? Chomsky explica:

> Vamos começar com a pesquisa feita pela Universidade de Massachusetts que mencionei anteriormente, pois ela apresenta algumas conclusões interessantes. A pergunta era se as pessoas achavam que os Estados Unidos deveriam intervir militarmente para reverter uma ocupação ilegal ou para impedir violações graves dos direitos humanos. Numa proporção de dois para um, os americanos responderam afirmativamente. Deveríamos empregar a força no caso de ocupação ilegal de território e violações graves dos direitos humanos. [...] Ela revela como um sistema de propaganda bem azeitado funciona. As pessoas podem acreditar que quando usamos a força contra o Iraque e o Kuwait é porque realmente observamos os princípios de que a ocupação ilegal e a violação dos direitos humanos têm de ser enfrentadas por meio da força. Elas não percebem o que isso significaria se esses princípios fossem aplicados ao comportamento dos Estados Unidos. Trata-se de um dos mais espetaculares casos de propaganda bem-sucedida. (CHOMSKY, 2015, pg. 48).

Chomsky (CHOMSKY, 2015, pg. 48) elabora que por trás do que é noticiado em jornais americanos existe muito mais: interesses políticos e militares, além de financeiros. A

mídia americana escolheu tornar Castro um inimigo. Diversos líderes ao redor do mundo violam direitos humanos, então Chomsky (CHOMSKY, 2015, pg. 49) diz que seria hipocrisia achar que isso não é normal nos Estados Unidos. O ponto do sensacionalismo ao redor do caso de Valladares é que caiu como uma luva para uma mídia/governo que vinha há anos tentando demonizar a figura revolucionária de Castro.

Portanto, quando o The Intercept decide colocar Hitler e Lenin como equivalentes sem um contexto mais apurado e explicado ao público, mesmo sob a ideia de que não necessariamente discordam do leninismo (apesar de ficar implícito que sim), mas que não é uma atitude "esperta" dos influenciadores de esquerda, acaba contribuindo mais do que a deputada do PSOL ou o influenciador comunista para a paranoia anticomunista, pois estão incentivando a desinformação e a análise rasa das questões políticas propostas.

4.4 O The Intercept do futuro

Em outubro de 2020, Glenn Greenwald pediu demissão do The Intercept. O jornalista foi editor-chefe da sede do jornal do Brasil em seus momentos mais importantes, norteando grande parte da operação investigativa Vaza Jato, que teve seus dois editorais iniciais analisados anteriormente nesta pesquisa. Greenwald escreveu em seu site pessoal, em inglês, que traduzimos, o seguinte:

> [...] os editores do The Intercept, violando meus direitos contratuais de liberdade editorial, censuraram um artigo que eu escrevi esta semana, recusando-se a publicá-lo a menos que eu removesse todas as seções em que criticava o candidato democrata à presidência [dos Estados Unidos] Joe Biden [...] (GREENWALD, 2020, online).

O jornalista afirmou que em seu artigo censurado ele criticava a conduta de Joe Biden com relação à Ucrânia. Joe Biden é atualmente o mais novo presidente dos Estados Unidos, eleito polo partido Democrata no começo de novembro deste ano, contra o candidato republicado que buscava reeleição, Donald Trump.

E-mails e depoimentos de testemunhas, vazados pelo tabloide americano New York Post, relatavam negociações entre o filho de Joe Biden, Hunter Biden, com uma empresa de energia ucraniana, ainda quando seu pai era vice-presidente dos Estados Unidos, de 2009 a 2017, pelo governo Obama. Greenwald esclarece seu ponto de vista ao escrever no artigo:

> [...] a campanha de Biden concluiu, racionalmente, que não há necessidade de o candidato presidencial mais favorável abordar até mesmo as questões mais básicas e relevantes levantadas por esses materiais. Ao invés de condenar Biden por ignorar essas questões - o instinto natural de uma imprensa saudável quando se trata de uma eleição presidencial - os jornalistas abriram caminho inventando desculpas para justificar seu silêncio. (GREENWOLD, 2020, online).

Um artigo do The Intercept americano, escrito por Betsy Reed, rebatia as acusações de censura de Greenwald. A editora falou "Glenn demanda o direito absoluto para determinar o que será publicado. Ele acredita que qualquer um que discorda dele é corrupto, e qualquer um que considere editar as suas palavras é um censurador" (REED, 2020, online). Greenwald como solução para o conflito, havia apresentado a seguinte solução em sua carta de demissão publicada em sua página pessoal:

> Eu não tive nenhuma objeção quanto a discordância deles [os editores] com minhas opiniões sobre o que as evidências contra Biden mostravam: como uma última tentativa de evitar a censura, eu os encorajei a expor suas discordâncias comigo escrevendo seus próprios artigos que criticariam minhas perspectivas e deixando os leitores decidirem quem está certo, como qualquer meio de comunicação confiante e saudável faria. Mas os meios de comunicação modernos não expõem discordância; eles a anulam. Portanto, a censura de meu artigo, em vez de desenvolverem-se com ele, foi o caminho que os editores apoiadores de Biden escolheram. (GREENWALD, 2020, online).

Essa proposta de Greenwald seria a forma mais correta, do ponto de vista das teorias anarquistas estudadas, de se revolver a situação? Não necessariamente. Apenas uma análise aprofundada de informações inacessíveis até o momento (as conversas entre o jornalista e os editores-chefes e se as informações vazadas pelo tabloide americano são legítimas como Greenwald afirma) diriam se houve, ou não, uma censura com fins partidários por parte do The Intercept. Greenwald (GREENWALD, 2020, online) acusa, em sua carta de demissão, toda a sede nova iorquina do jornal de abafar o caso para não ter efeitos negativos na campanha de Biden. De um lado, Greenwald diz ter sido censurado, de outro, a editora-chefe diz:

> [...] é importante deixar claro que nosso objetivo ao editar seu trabalho era garantir que fosse preciso e justo. Enquanto nos acusa de preconceito político, era ele quem tentava reciclar as afirmações duvidosas de uma campanha política - a campanha de Trump - e lavá-las como jornalismo [...] (REED, 2020, online).

É um caso que, provavelmente, apenas o tempo dirá quem agiu corretamente do ponto de vista anarquista, já que, para ser analisado por completo são necessárias informações que ainda não são públicas. Mas, digamos que o artigo de Greenwald realmente foi escrito com

provas legítimas contra Biden, e o The Intercept, considerando que a eleição de Biden em cima da queda de Trump beneficiaria a democracia norte-americana (vale lembrar que a maioria dos jornalistas do The Intercept, tanto brasileiro quanto norte-americano, se dizem de esquerda, logo, provavelmente, apoiam o partido democrata norte-americano), existem arestas neste ponto. Para entendermos melhor estas arestas, voltemos a um dos princípios mais elementares da filosofia anarquista, defendido desde Proudhon, que é o questionamento da autoridade. Chomsky diz:

> Creio que o anarquismo só tem sentido ao buscar e identificar estruturas de autoridade, hierarquia e dominação em todos aspectos da vida, e questioná-las; e a não ser que se justifiquem, estas estruturas são ilegítimas e devem ser desmanteladas, visando a extensão da liberdade humana. Estruturas que incluem o poder político, a propriedade e a gestão, as relações entre homens e mulheres, pais e filhos, nosso controle sobre o destino das gerações futuras (o imperativo moral básico por trás do movimento ambiental, na minha opinião) e muito mais. Naturalmente, isso significa combater as enormes instituições de coerção e controle: o Estado, as incontáveis tiranias privadas que controlam a maioria da economia doméstica e internacional, e assim por diante. (CHOMSKY, 1997, pg. 55).

Portanto, por mais que o voto em Joe Biden fosse (como já explicado anteriormente nesta pesquisa quanto ao fortalecimento da democracia com fins anarquistas) um ato anarquista, a hipótese de o The Intercept ter censurado informações legítimas que criticavam atitudes do candidato democrata não é uma postura anarquista, porém não temos como afirmar com certeza qual dos dois lados estava falando a verdade.

Uma das ideias defendidas por todos os anarquistas pesquisados é a constante busca por autoridade que abusam dos poderes que detêm e a exposição de tais. Se Joe Biden, ainda que superficialmente analisado, seja a escolha para presidente mais politicamente de esquerda nos Estados Unidos cometeu ilegalidades, logo, seria dever de um jornal anarquista apurar corretamente se houve estas ilegalidades e expô-las ao público, independente da corrida presidencial.

Esta, com base na informação que temos, seria a hipótese defensável pelos fundamentos anarquistas por parte do The Intercept, que até então, em seu trabalho no Brasil, demonstrou trabalhos alinhados às políticas anarquistas. Isso se Greenwald estiver correto quando diz,

> A iteração atual de The Intercept é completamente irreconhecível quando comparada com a visão original. Em vez de oferecer um local para propor discordâncias, vozes

> marginalizadas e perspectivas desconhecidas, está rapidamente se tornando apenas mais um meio de comunicação com lealdades ideológicas e partidárias obrigatórias [...] (GREENWALD, 2020, online.).

Isto pode significar o fim de um dos poucos espaços jornalísticos no mundo atual alinhado com políticas anarquistas, pelo menos no que diz respeito a jornais de populares. Ao longo do movimento anarquista diversos jornais alinhados a sua política foram criados, mas nunca perduraram ou alcançaram a popularidade que o The Intercept detém.

5 Conclusão

É muito improvável, no mundo de hoje, um jornal abertamente declarado anarquista alcançar a popularidade, acessibilidade e influência de um jornal como o The Intercept Brasil. O acesso aos seus trabalhos realizados é 100% gratuito e ilimitado pelo site, diferente de diversos portais online de seus concorrentes, que se encontram no panteão de jornais atuando no Brasil, como Folha de São Paulo, O Globo etc.

O próprio The Intercept, muito provavelmente, não teria alcançado a popularidade que alcançou sem, em diversos momentos, flertar com diferentes ideologias políticas. O ex-editor-chefe, Gleen Greenwald, por exemplo, deixou claro em sua carta de demissão ao jornal que é um liberal[20], quando, comentando sobre o momento atual política e midiaticamente dos Estados Unidos, disse: “[...] essa é a crise que o jornalismo, e mais amplamente os valores do liberalismo, enfrentam.” (GREENWALD, 2020, online). Apesar de não especificar com que vertentes do liberalismo é alinhado, deixou claro seu apreço pelo meio socioeconômico.

Porém, com a pesquisa realizada ao longo do trabalho, concluímos que o The Intercept Brasil, principalmente na série investigativa denominada Vaza Jato, realizou trabalhos que são, intencionalmente ou não, alinhados com fundamentos e políticas anarquistas estudados para esta pesquisa. Todavia, seria incorreto afirmar que o The Intercept Brasil é um jornal anarquista, por dois motivos:

O primeiro: não vivemos em uma sociedade anarquista, e sim democrática capitalista, então os próprios meios de economia e infraestrutura que mantêm o jornal

[20] Ideologia política que tem no anarquismo a semelhança da luta pelo fim do estado, mas que visa o poder privado como um norte, algo que o anarquismo abomina.

funcionando já são diferentes daqueles imaginados em uma sociedade anarquista utópica pelos teóricos da filosofia anarquista. Seria uma afirmação completamente insustentável em um trabalho científico, porque na prática, se mostra impossível conceber com certeza se sequer existiriam jornais, como os conhecemos pelo menos, em uma sociedade anarquista. Como diria Chomsky, "Como é comum nas questões humanas, a perspectiva prática é que mais importa. O conhecimento teórico que temos é pequeno demais para ter grande relevância." (CHOMSKY, 1997, pg. 69).

E entrando na perspectiva prática, temos o segundo motivo: tanto os jornalistas do The Intercept Brasil, em seus textos nas matérias analisadas, quanto o editorial do site, escrito pelos editores-chefes, não citam em momento nenhum anarquismo, ou políticas libertárias. Nem sequer de forma abrangente ou genérica.

Porém encontramos intenções e traços, em suas matérias, de políticas associadas a filosofias anarquistas, como a luta pela responsabilização de autoridades pelas suas ilegalidades através de uma transparência das provas, estabelecendo um diálogo direto com o povo, assim como a defesa de uma democracia que seja justa e não manipulada por aqueles que estão no poder.

Ao longo da trajetória da filosofia anarquista não foi incomum essa relação do jornalismo com o anarquismo. Desde Proudhon, escrevendo seus comunicados em jornais franceses, até os jornais escritos por militantes anarquistas no Brasil no começo do século XX, como A Voz do Trabalhador, houve essa relação. O futuro do jornalismo anarquista reside no The Intercept? Improvável. O The Intercept faz parte dos jornais do mundo elitizado, discute políticas empresariais e econômicas que não dialogam com o que Chomsky descreveu como jornalismo operário e anarquista:

> Dê uma olhada nos meios de comunicação ao redor do mundo. Há sempre uma seção de negócios. Você já viu uma seção de trabalho? Eu não conheço nenhum jornal que tenha uma seção de trabalho. Mas todos eles têm uma seção de negócios. Existe uma imprensa empresarial, mas existe uma imprensa operária? Eu não sei como as coisas são aqui, mas, nos Estados Unidos, tente achar um repórter que tenha sido designado para cobrir o movimento dos trabalhadores. Há, talvez, dois no país inteiro, basicamente trabalhando para as empresas, o que significa que o grosso da população não tem cobertura; o que se cobre é o mundo empresarial. É um reflexo do poder. (CHOMSKY, 1997, pg. 106).

Porém, não é difícil imaginar um anarquista dizendo que alguns dos trabalhos realizados pelo The Intercept Brasil, mesmo não visando intencionalmente ao anarquismo,

deixaram a sociedade mais próxima dele. Do ponto de vista anarquista, o The Intercept tornou-se para a filosofia algo similar à democracia: um meio, que tem em seus aspectos alguns pontos que os anarquistas criticam e reprovam, mas devido ao contexto atual, acabam servindo de forma mais benéfica do que prejudicial.

E quanto à pergunta, existiriam jornalistas em uma sociedade anarquista? Essa fala de Bakunin, que foi perguntado se rejeitava toda e qualquer autoridade, dá a entender que sim:

> Longe de mim este pensamento. Quando se trata de botas, apelo para a autoridade dos sapateiros; se se trata de uma casa, de um canal ou de uma ferrovia, consulto a do arquiteto ou a do engenheiro. Por tal ciência especial, dirijo-me a este ou àquele cientista. Mas não deixo que me imponham nem o sapateiro, nem o arquiteto, nem o cientista. Eu os aceito livremente e com todo o respeito que me merecem sua inteligência, seu caráter, seu saber, reservando, todavia, meu direito incontestável de crítica e de controle. Não me contento em consultar uma única autoridade especialista, consulto várias; comparo suas opiniões, e escolho aquela que me parece a mais justa. Mas não reconheço nenhuma autoridade infalível [...] (BAKUNIN, 1882, pg. 55).

No mundo que vivemos, a autoridade responsável pela apuração e investigação de informações de interesses do povo, é o jornalista.

Referências

BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovitch. **Deus e o estado**. São Paulo: Hedra, 2011. 132p.

BENJAMIN, Walter. **Linguagem, tradução, literatura: filosofia, teoria e crítica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 204 p.

CASTRO, Fernando.; NUNES, Samuel.; NETTO, Vladimir. **Moro derruba sigilo e divulga grampo de ligação entre Lula e Dilma; ouça.** G1. Disponível em: < >. Acesso em: 10 out. 2020.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação.** 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019. 107p.

CHOMSKY, Noah. **Notas sobre o anarquismo**. São Paulo: Hedra, 2011. 180p.

DIAS, Tatiana.; MARTINS, Rafael Moro.; **Elogiar ditadores é a melhor maneira de a esquerda continuar perdendo.** The Intercept Brasil. Disponível em: < https://theintercept.com/2020/01/22/elogiar-ditadores-faz-esquerda-continuar-perdendo/>. Acesso em: 27 set. 2020.

GREENWALD, Gleen. **My Resignation From The Intercept.** Gleen Greenwald. Disponível em: <https://greenwald.substack.com/p/my-resignation-from-the-intercept>. Acesso em: 1 nov. 2020.

GREENWALD, Gleen.; REED, Betdy.; DEMORI, Leandro. **Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sérgio Moro.** The Intercept Brasil. Disponível em: < https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>. Acesso em: 17 set. 2020.

GREENWALD, Gleen.; POUGY, Victor. **Procuradores da Lava Jato tramaram em segredo para impedir entrevista de Lula antes das eleições por medo de que ajudasse a 'eleger o Haddad'.** The Intercept Brasil. Disponível em: < https://theintercept.com/2019/06/09/procuradores-tramaram-impedir-entrevista-lula/>. Acesso em: 21 out. 2020.

GREENWALD, Gleen.; DEMORI, Leandro.; POUGY, Victor. **Antes de serem alvos de vazamentos, Deltan e Lava Jato celebravam direito de jornalistas publicarem informações vazadas ilegalmente.** The Intercept Brasil. Disponível em: < https://theintercept.com/2019/06/22/antes-de-serem-alvos-de-vazamentos-deltan-e-lava-jato-celebravam-direito-de-jornalistas-publicarem-informacoes-vazadas-ilegalmente/>. Acesso em: 2 out. 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios & procedimentos.** 13. ed. Campinas: Pontes, 2020. 98p.

PASSOS, Felipe Zschaber Alves. **Jornalismo online, contextualização e memória: uma análise dos Questions & Answers produzidos pela BBC News.** 2012. Tese (Conclusão de Curso em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, UFJF, Juiz de Fora, 2012.

PROUDHON, Pierre Joseph. **A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011. 144p.

PROUDHON, Pierre Joseph. **O que é a propriedade?.** 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. 248p.

REED, Betsy. **Glenn Greenwald resigns from the intercept.** The Inpercept. Disponível em: < https://theintercept.com/2020/10/29/glenn-greenwald-resigns-the-intercept/>. Acesso em: 1 nov. 2020.

SOUZA, José Cavalcante de. **Os pensadores: pré-Sócrates**. São Paulo: a Nova Cultural Ltda, 1996. 353p.

STRONGREN, Fernando Figueiredo. **Imprimindo a anarquia: o jornalismo anarquista no Brasil nas primeiras décadas do século XX.** 2017. Tese (Mestrando em Comunicação) - Faculdade de comunicação programa de pós-graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019. 432p.

PASSOS, Felipe Zschaber Alves. **Jornalismo online, contextualização e memória: uma análise dos Questions & Answers produzidos pela BBC News.** 2012. Tese (Conclusão de Curso em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, UFJF, Juiz de Fora, 2012.

Agradecimentos

Sem dúvidas a parte mais difícil de se escrever do TCC. Primeiramente gostaria de agradecer a minha família, meu pai, mãe, irmão e avós. Se sou um jornalista hoje é por causa do que eles fizeram por mim ontem.

Agradecer aos meus amigos, aos que estavam comigo desde antes do curso. Christian Machado e Felipe Fogaça, as duas pessoas na vida que mais me ouviram reclamar, seja do que for, e mesmo assim não correram de mim.

Aos amigos que fiz ao longo do curso, principalmente Fhillype Costa e Higor Stork. Obrigado por serem dois boleiros que acolheram o cabeludo introvertido que entrou atrasado no curso. O trio de amigos mais improvável e duradouro da sala, com certeza fizemos a vida de alguns professores mais infeliz entregando trabalhos uma noite antes do prazo, mas valeu a pena demais.

Tem também aqueles que eu conheci ao longo do curso e de uma forma ou de outra me ajudaram, como Chayene; Ramon; Morpho; Vivian; Matheus; Hugo; Laura... são pessoas que, independente da faculdade ou do que for, fizeram meus dias mais felizes.

Agradecer também a minha coordenadora Andréia, que acreditou em meu projeto e botou meus pensamentos no lugar diversas vezes. E aos professores Alexandre Lenzi e Darlerte Cardoso, me fizeram ter a certeza de que, apesar da televisão e do rádio, o jornalismo também é um curso para quem quer escrever.

E ao Lucy.

E essas crianças em quem vocês cospem
Enquanto elas tentam mudar o seu mundo
Elas são imunes as suas consultas
Elas estão bem cientes do que está acontecendo.

David Bowie.